

Pétalas, bolo de chocolate, balões, relva e *Cream*

O mundo Serralves abriu os portões às 08h00 de sábado e só os fechou 40 horas depois. Pelo meio passaram pelo parque de diversões sensivelmente 70 mil pessoas, um recorde absoluto

Luis Octávio Costa

● Festa: começar o dia a saborear pétalas de cravina e a sentir o perfume das fresias, aprender os passos de *Cream - sh-boogie bop* - em pouco mais de meia hora, dar um salto mortal e estar na ameaça de um castelo, fechar os olhos e estar no Chile, abrir os olhos e ser um de 18 mil a ferver num prado. Mais uma volta?

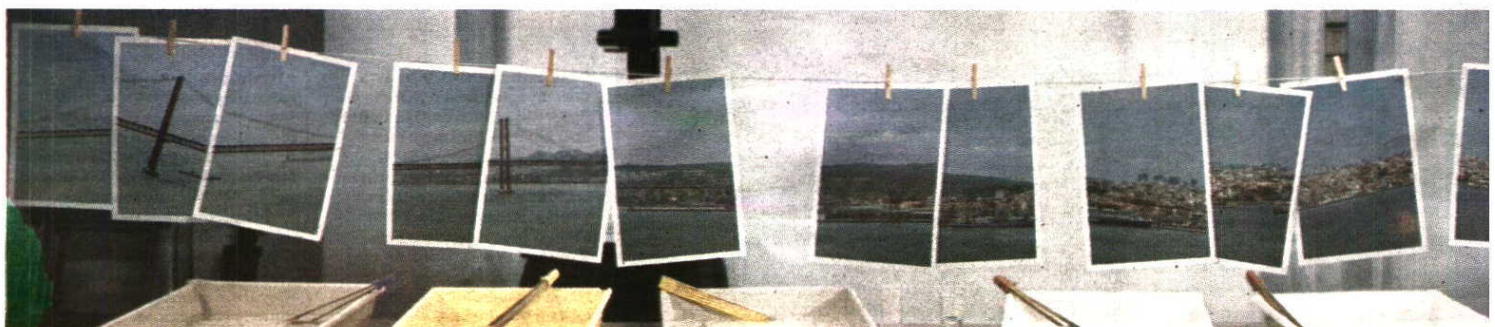
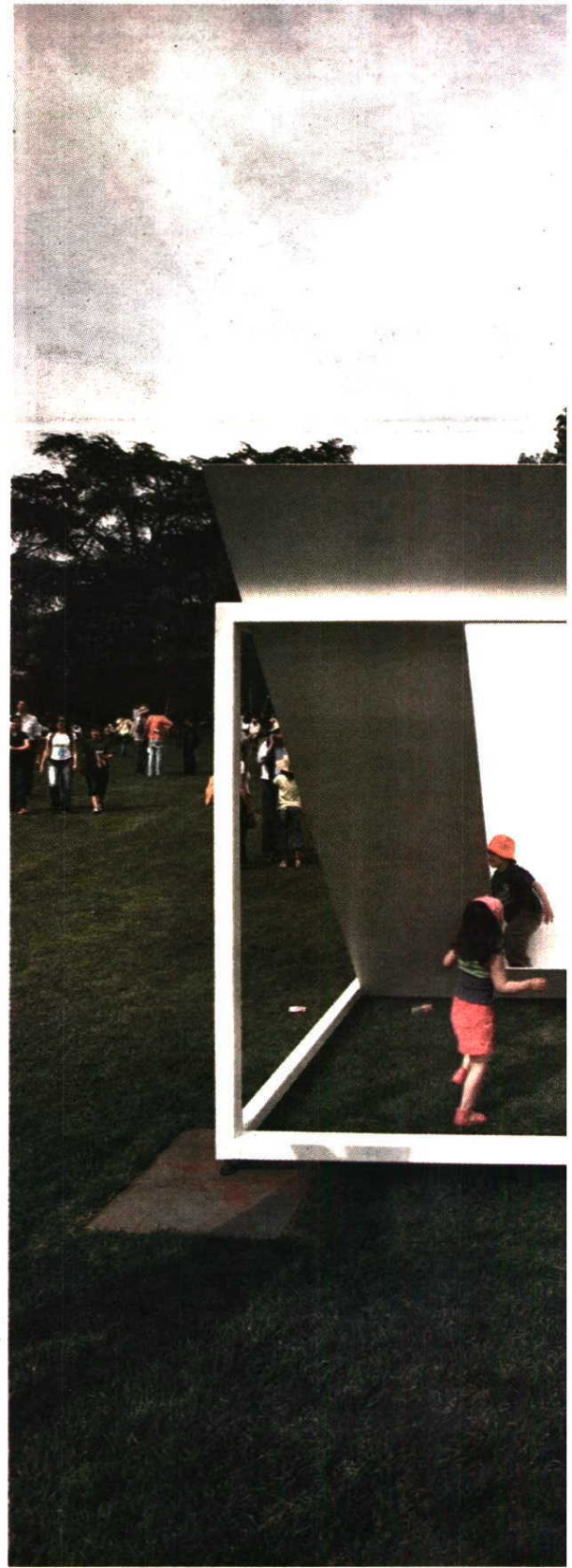
Tudo foi para todos. Os canteiros de plantas aromáticas, as cadeiras viradas para o sol, para a estufa de madeira pintada de branco, para a aula "por favor coma os mal-me-quereres", o *tupperware* transformado numa caixa de flores-sortido. Flores panadas, flores cristalizadas, flores com sabor a rabanete, truques religiosamente anotados nos mini-cadernos pelos primeiros habitantes do mundo Serralves, um genuíno parque de diversões (fenómeno tão inexplicável como o lado bom do filme *O Mundo*, do chinês Jia Zhang Ke). Neste mundo ainda não há teleférico - quem sabe um dia. Mas há um início, o portão junto à gigante pá de Claes Oldenburg, e um livro de instruções que os mais "serralvianos" usam com a destreza de um campeão de cubo mágico. Sabem que a parte branca

da pétala da cravina não sabe bem, sabem que o alemão Veit Stratmann plantou 15 bancos vermelhos rebatíveis que supostamente rodam 360 graus, sabem apontar no mapa o Pátio da Nogueira sem pestanejar. Só não sabem tudo nem vêem tudo porque Serralves não admite omnipresenças: aqui, ninguém sabe tudo, ninguém vê tudo. A surpresa faz parte da festa.

Três horas depois do início de um evento que durou 40, já havia quem tivesse chegado a uma conclusão. "Brinca-se com pouca coisa", exultou Pedro, oito anos. "Gosta muito de circo", juntou Deolinda Rodrigues, menos 66. Estão no bom caminho. Basta seguir as setas vermelhas e cor-de-laranja, a borboleta em fio de arame (companhia francesa Vire Volte), o rufar do circo de madeira da companhia checa Karromato, as vibrações da harpa que estendeu as cordas sobre o lago (*Aquarium Materialis Aquarium Espiritualis*), o som de flauta transversal ou as nuvens de pó da responsabilidade do Bal Moderne, que se instalou no *court* de ténis de terra batida. Houve mais duas dicas para ajudar a preencher a caderneta. Dica número um: seguir os trilhos dos carrinhos de bebé - e há cada vez mais carrinhos de bebé com bebés

lá dentro e cá fora. No final, o mais provável é encontrar espaços com sombra, com água, ar puro e marionetas de folhas, troncos e musgo (*Compost Mentis*, um dos espectáculos vencedores da tarde; "era a montanha-monstro e comeu aquele homem", resumiu Beatriz, seis anos). Dica número dois: na mata, procurar a 23.ª árvore a contar da esquerda, abanar um galho e pedir ao gnomo as botas das sete léguas (atenção: só existem dois pares!). "Vou andar o dia todo a sacudir as sandálias". Mas, em Serralves, correu-se por gosto.

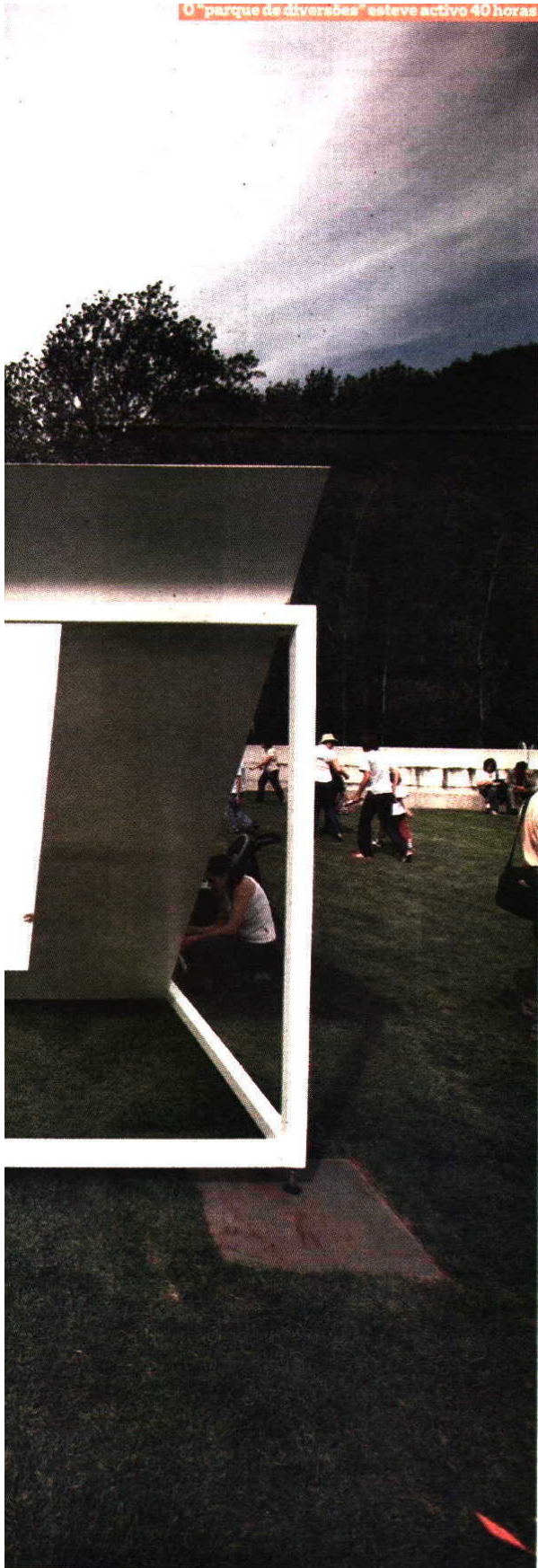
De volta à festa. A festa do pequeno Frederik foi simples. Arregaçou os calções vermelhos e chapinhou nos lagos do Parterre Central (oficialmente foi o primeiro de algumas centenas a arriscar a proeza). Entretanto, no arboreto: "Depois desta vamos, tá?". Nunca está. Para os habitantes mais pequenos, o mundo Serralves não tem fim. E só o abandonam à força de uma birra, de algumas lágrimas ou da promessa de voltar. Ao meio-dia a equipa de voluntários já tinha enchido cerca de 150 balões vermelhos e atado o respectivo cordel no pulso do braço direito. Junte-se um corpo estranho à festa: "Já fizemos a actividade e agora vamos fazer outras coisas..."



O "parque de diversões" esteve activo 40 horas

FOTOS: NELSON GABRIEL

Veit Stratmann
 Maria Nordman ou
 Arturo Cobas. Antes
 disso, os visitantes
 já sabiam pronunciar
 a palavra "Serralves"



não vou ficar ali plantada a cortar papelinhos!". E outro (uma banca de velas montada pelo El Corte Inglés com caixa registadora, vendedores de fato e gravata e tudo!!).

Festa recordista

O resto é mesmo uma festa global à escala local. "Foi a festa mais visitada de todas", garantiu ao PÚBLICO João Fernandes, director do Museu Serralves. Às 16h00 de ontem, já tinham sido batidos todos os recordes, tinham sido recenseadas 58 mil pessoas, mais quatro mil do que nas 40 horas da mega-festa de 2005. Daí às 70 mil foi um pulo. Está provado: "Entrou no calendário da cidade, é uma festa única que demonstra que a arte contemporânea não é uma impossibilidade". João Fernandes anotou a "curiosidade das gerações mais novas", também a proximidade dos visitantes da vizinha Galiza.

A culpa é do mundo giratório de Stratmann, do mundo contínuo de Maria Nordman, do mundo em que se transformam as aulas de dança da companhia Rosas, do mundo privado de Arturo Cobas, o palhaço que pegou num comando à distância para controlar o tráfego aéreo em trânsito sobre o mundo

Serralves. Mas fica a ideia de que, quando chegam, as pessoas só conhecem um nome (Serralves), conquistando *a posteriori* outras zonas do mapa como num jogo de Risco. Basta lançar os dados: e ocupar os bancos de Veit Stratmann e rodar até enjoar, perseguir Maria Nordman e o seu exército de pauliteiros camuflados (camisa branca e calças de ganga), esticar o pescoço em modo *freestyle* e gritar "look up in the air, it's your guitar" (e *Moonlight Shadow* depois de um breve intervalo) ou proteger-se do *sniper/clown* com um guarda-chuva. Não foi só isso, mas também foi isso. "Este é o canto da minha casa", confessou ao PÚBLICO Maria Nordman, que entre o Museu e o Parque apresenta uma exposição protospectiva do seu trabalho.

Houve quem tentasse contar passo a passo os percursos de 18 hectares brutos ("contámos até dez vinte vezes, demos 200 passos"), quem fizesse corridas até ao *checkpoint* (como os participantes da maratona de fotografia que espreitavam um pouco por todo o lado) e até quem não soubesse que também já fazia parte de uma intervenção artística. Infelizmente o PÚBLICO só se cruzou com duas das cinco performances simultâneas que compunham A

arte de desaparecer em público ou a arte de se perder na multidão.

Distribuição, de Joclécio Azevedo (foi distribuída, por exemplo, a BD *À Procura do Argumento*), e *Estudos de Públicos*, de Cristiana Rocha, que colou autocolantes e que em determinados momentos reuniu pessoas diferentes com características comuns (pessoas com sapatilhas all-star, pessoas vestidas de preto, pessoas com carrinhos de bebé...). Contagem de balões: "dois ou três sacos".

Festa: rebolar na relva, esparramar-se numa toalha de piquenique junto ao jardim Nordman e roer uma coxa de frango, lambuzar-se com uma fatia de chocolate, acompanhar o pôr-do-sol ao som da banda sonora de *Contigo*, novo circo desenvolvido no elegante mastro chinês (criação de João P. Pereira Santos e Rui Horta). E fogo-de-artifício. E outra festa. A noite de sábado para domingo foi uma zona de transição, uma muleta que se transformou num motor a jacto. Dezoito mil pessoas - aqui, o visitante protótipo já não é o que era - encheram o prado para vibrar com Joakim and his Ectoplasmic Band. Fim de festa: pipocas e algodão doce com sabor a pétalas de cravina. Mais uma volta?



Em Serralves,
com 70 mil
Pág. 10/11